

# AMPO LEMIAS

DOSES DE POESIAS  
SEM CONTRA INDICAÇÃO

DANIEL COSTA

ISBN: 978-85-5597-015-3

# **Ampolemas**

**Daniel Vitor da Silveira da Costa**  
(Autor)

Instituto de Educação Superior da Paraíba - IESP

Cabedelo  
2017



INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR DA PARAÍBA – IESP

**Diretora Geral**

Érika Marques de Almeida Lima Cavalcanti

**Diretora Acadêmica**

Iany Cavalcanti da Silva Barros

**Diretor Administrativo/Financeiro**

Richard Euler Dantas de Souza

**Editores**

Cícero de Sousa Lacerda

Hercilio de Medeiros Sousa

Jeane Odete Freire Cavalcante

Josemary Marcionila Freire Rodrigues de Carvalho Rocha

**Corpo editorial**

Antônio de Sousa Sobrinho – Letras

Daniel Vitor da Silveira da Costa – Publicidade e Propaganda

Hercilio de Medeiros Sousa – Computação

José Carlos Ferreira da Luz – Direito

Luciane Albuquerque Sá de Souza – Administração

Maria da Penha de Lima Coutinho – Psicologia

Rafaela Barbosa Dantas – Fisioterapia

Rogério Márcio Luckwu dos Santos – Educação Física

Thiago Bizerra Fideles – Engenharia de Materiais

Thiago de Andrade Marinho – Mídias Digitais

Thyago Henriques de Oliveira Madruga Freire – Ciências Contábeis

Copyright © 2017 – Editora IESP

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido no artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta publicação é de inteira responsabilidade do(os) autor(es).

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Biblioteca Padre Joaquim Colaço Dourado (IESP)**

C837a	Costa, Daniel Vitor da Silveira da
	Ampolemas: doses de poesias sem contra indicação [recurso eletrônico]/ Daniel Vitor da Silveira da Costa. – Cabedelo, PB: Editora IESP, 2017. 104p.
	ISBN: 978-85-5597-015-3
	1. Poesia. 2. Teoria literária. 3. Gêneros literários. I. Título.
	CDU 82-1

Bibliotecária: Elaine Cristina de Brito Moreira – CRB-15/053

**Editora IESP**

Rodovia BR 230, Km 14, s/n,  
Morada Nova. Cabedelo - PB.  
CEP 58109-303

à Diana,

leu em minha vida







# AMPOLEMAS

DANIEL COSTA

1ª EDIÇÃO

Editora IESP / FATEC-PB

João Pessoa, 2017

AMPOLEMAS

**semeio signos  
para lavrar palavras**



## Apresentação

---

Este livro me faz enxergar o nascimento de um grande poeta, como as cores nascem lentas numa manhã calma de sol e vão desabrochando naturalmente de acordo com a vontade da natureza.

Daniel Costa ouve a si mesmo no momento desta coletânea de poemas, navegando por suas águas e desembarcando nas areias virgens de suas margens poéticas. Mostra-se um poeta com possibilidades infinitas, como um mágico que sempre tem um truque na manga bem melhor que o antecedente.

O autor é rápido no gatilho. Certo, deleta os meandros e chega ao aparente objetivo desfazendo palavras em desdobramentos sonoros, como o vento contornando os objetos de uma sala criando sons. Torna nítida em sua escrita a presença da música em sua vida, bem como a natureza rítmica percussiva que compõe sua medula artística, somando-se a toda semiologia que gera os signos tão estudados pelo professor.

Naturalmente leal, faz-nos sentir que sentiu tudo aquilo que escreveu, em cada momento dos seus dias reais abstratos. Ele confia em seus futuros leitores como seus confidentes, como a natureza verídica da relação entre a boca e a afta.

Costa nos mostra o mundo que suas lentes o revelam, o mundo e a vida como acontecem diretos aos seus olhos. A velhice chegando ao encarar o espelho; a dúvida que paira sobre as primaveras já passadas e as vistas cansadas. Ele nos conta distintamente a realidade na relação “amor e dor”, tão ventilada e atestada pelos poetas da história. Inovador, pontua este assunto de uma maneira nada trivial, e como sem esperar entender, concordamos na reflexão posterior à leitura.

Não me arrisco a defini-lo em algum estilo já existente. É fato que aplica a poética japonesa dos *haikais*, mas caminha por elementos parnasianos e românticos com tremenda facilidade que não revela a idade estacional de seus pensamentos, tampouco a sua. Incrivelmente atemporal.

Ao passear por esta obra, o leitor terá doses homeopáticas de poesia como um elixir vital da genial boa poética, distribuído a conta-gotas como a certeza na hora da precisão.

Zé Neto, poeta e compositor

## À procura de palavras

---

No correr da história, os homens têm registrado aqueles eventos mais importantes de sua vida, aqueles dignos de recordação. Eles o fazem sobretudo através de inscrições. É sempre a lápide, a pedra, onde registramos os eventos fundamentais da experiência humana, nascimento e morte. O que distingue, por exemplo, a função memorial de um monumento da simples escultura é dado pela inscrição que lhe acompanha e não à segunda. A poesia inaugural aqui oferecida pelo jovem poeta Daniel mantém com a inscrição essa afinidade. Em lugar, porém, em monumento a algo passado, o que nós temos é muita vez a expectativa de uma outra coisa, num processo de inscrição que gostaria de adivinhar o que há de ser de fato inscrito.

PAG.  
9

semeio signos  
para lavrar palavras

Isto é, no lançamento dessas marcas linguísticas abstratas que são o conceito (ou definição) de signo, a princípio desprovido de concretude e teor experiencial, o poeta inscreve já a finalidade de encontrar algo mais real, algo mais fundamental na experiência humana: a palavra.

Essas inscrições, assim, tanto quanto se pode falar que registram algo, registram sobretudo a expectativa de um além do mero signo verbal, um além “por trás da porta” (36). A nota lírica desses poemas é sutil: não enxergamos bem aquele sujeito que “quanto mais tenta” (53), não o vemos tentar muita coisa, mas vemo-lo entregue à objetividade de sua condição mundana. Ele está sempre, assim parece, sempre “de partida” (64). Esse sujeito não vive os conflitos interiores, não faz as confissões, nem parece derivar da doutrina do “gênio” daquela estética já há tanto destronada pelos modernismos; e, no entanto, essa retração lírica não faz senão ressaltar, em meio às formas decalcadas do poema-piada e do poema-minuto, que se fundem ao haikai, o caráter melancólico do gesto de inscrição, ainda mais essa espécie de nostalgia que é a espera pelas palavras.

Por que é que o poeta parte dos signos em direção às palavras e não das palavras em direção a outra coisa, das palavras em direção ao poema? Talvez essa seja uma forma de realismo. Um realismo do nonsense, dos farrapos de palavras que se trocam e se metamorfoseiam, a consciência da dissolução que leva os corpos (e refiro-me aqui a um poema sobre amor, diriam!) a tornarem-se lama ou pó. Há assim uma inversão especular nessa poética. A vida, como a lemos nas inscrições, com seu ponto final demarcado de início, com seus atrasos, com seu espaço demasiado minguado para sonhos, seguramente limitada pela natureza material da

existência, seguramente incerta sobre as próprias condições de sua manutenção, esses farrapos de vida é que se procura amarrar através dos signos. Essa vida é a que transforma o signo em palavra. Não há ainda palavras porque ainda não há – essa é uma aposta – vida fora do processo mesmo de inscrevê-la.

PAG.  
29

toda vida é bela  
quando vista  
numa tela

Nesse processo, as breves inscrições não se restringem a notas jeremiasais ou reflexões ao sabor eclesiástico sobre a “ vaidade ” da vida. Muito pelo contrário. No processo, vemos que o olhar do sujeito que sempre se volta sobre si como se pretérito, como quem “ viu ” o sorriso de um amado ou perdeu sua própria hora, vemos que esse olhar pretérito arrasta consigo, também, um certo presente das coisas. Esse presente é quase sempre marcado de uma puerilidade que talvez pretenda dissimular o lirismo retraído a que me referi:

PAG.  
48

no xap xap  
e no xuá xuá  
o chão encharca

Os versos se constroem – e eu apenas o digo para ilustrar tantos outros que aqui se apresentam – através de um processo de acumulação sonora da fricativa repetida, isto é, é a ressonância do som que en[ch]arca o poema. “Xap” e “xuá” não são palavras, são onomatopeias que, na qualidade de signo, têm a função primária de amontar à significação de algo. As palavras que o poeta visa, contudo, não se limitam ao campo de comunicação. Fosse assim, antes se endereçassem aos interlocutores particulares.

O poeta Paul Valéry empregava uma imagem para diferenciar a palavra poética da palavra empregue na comunicação. Na comunicação, as “palavras” são como as nossas moedas atuais, de latão, que apenas significam o seu valor (o mesmo exemplo da clássica definição saussureana de signo). Na poesia, ou, antes, tomando “palavra” num sentido mais forte, ela é antes como a moeda de ouro. Se pegássemos uma moeda de ouro e, com um martelo, descaracterizássemo-la completamente e então tentássemos penhorá-la, o que obteríamos – essa é a ideia de Valéry – seria a mesma moeda com que começamos, porque ela com efeito é seu próprio valor em ouro. Essa imagem, no entanto, não parece adequada para descrever a poética aqui ensaiada.

Outro exemplo, mais recente, talvez se coadune melhor com o espírito de alguns dos poemas, até pelo seu (trágico) lado cômico. Por que vimos o fim da circulação das moedas de um centavo de real? Com a desvalorização da moeda brasileira, o seu

processo de produção torna cada uma delas mais cara do que o centavo que representa. Noutras palavras, se elas ainda circulam hoje com seu valor de face, o seu valor real é maior. O valor de face seria a inscrição aparente do valor real inscrito nelas. Mas não. Talvez um processo parecido se dê com a linguagem hoje na era da inflação da comunicação social: já nem queremos palavras de ouro, mas estamos em meio a uma infinidade de “palavras”. Elas não são simplesmente de aço, sem valor por si, mas nem mesmo seu processo de cunha seria adequado ao valor expresso em sua face. Acreditar hoje no que dizemos não é senão uma espécie paradoxal de cinismo. Não podemos partir das palavras. A natureza de fluxo da comunicação é tal que podemos facilmente reconduzir todas as trocas verbais de hoje à simples troca de informação.

No entanto, mesmo no caso dos valores que já não circulam entre nós, poderíamos fazer outra coisa delas, obter um valor que sua mera soma não representa. Essa é, então, a postura do poeta em relação a esses farrapos de sentido que o mundo fez das palavras, aos signos (de) que dispõe aqui. Essa é a memória de seu presente e a esperança aqui inscrita.

Campinas, 29 de Janeiro de 2015

Matheus de Brito  
Universidade de Coimbra

**N**

POE  
WAS



sig(n) o anônimo  
si no mínimo

r

i m a

m í n

---



do nada ao dito  
o início e o meio  
enfim, **(in)**finito

no meio da  
saúde  
saudade

wild jungle  
in the winter wind  
is it a wolf or a jingle?

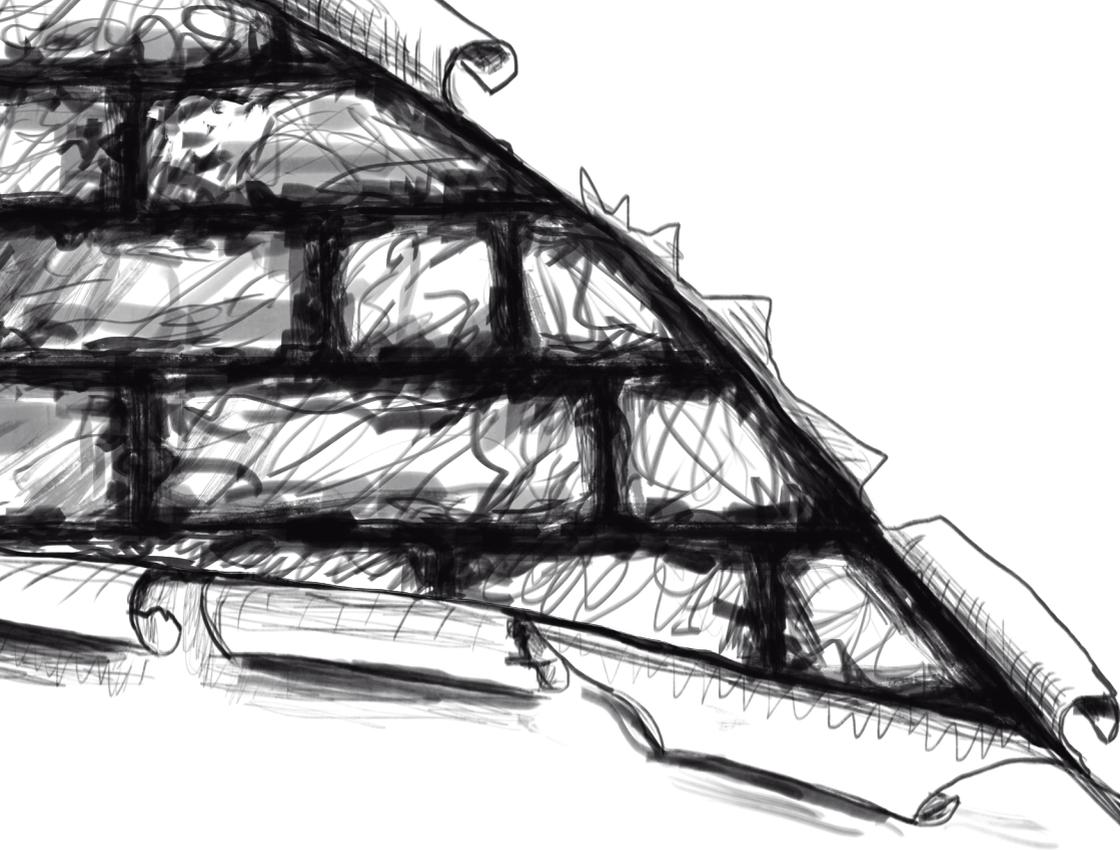
---

**na nascente fiz  
correnteza que a foz  
a outro rio deu luz**

**com rede social  
e algumas poetiscas  
pescaria digital**

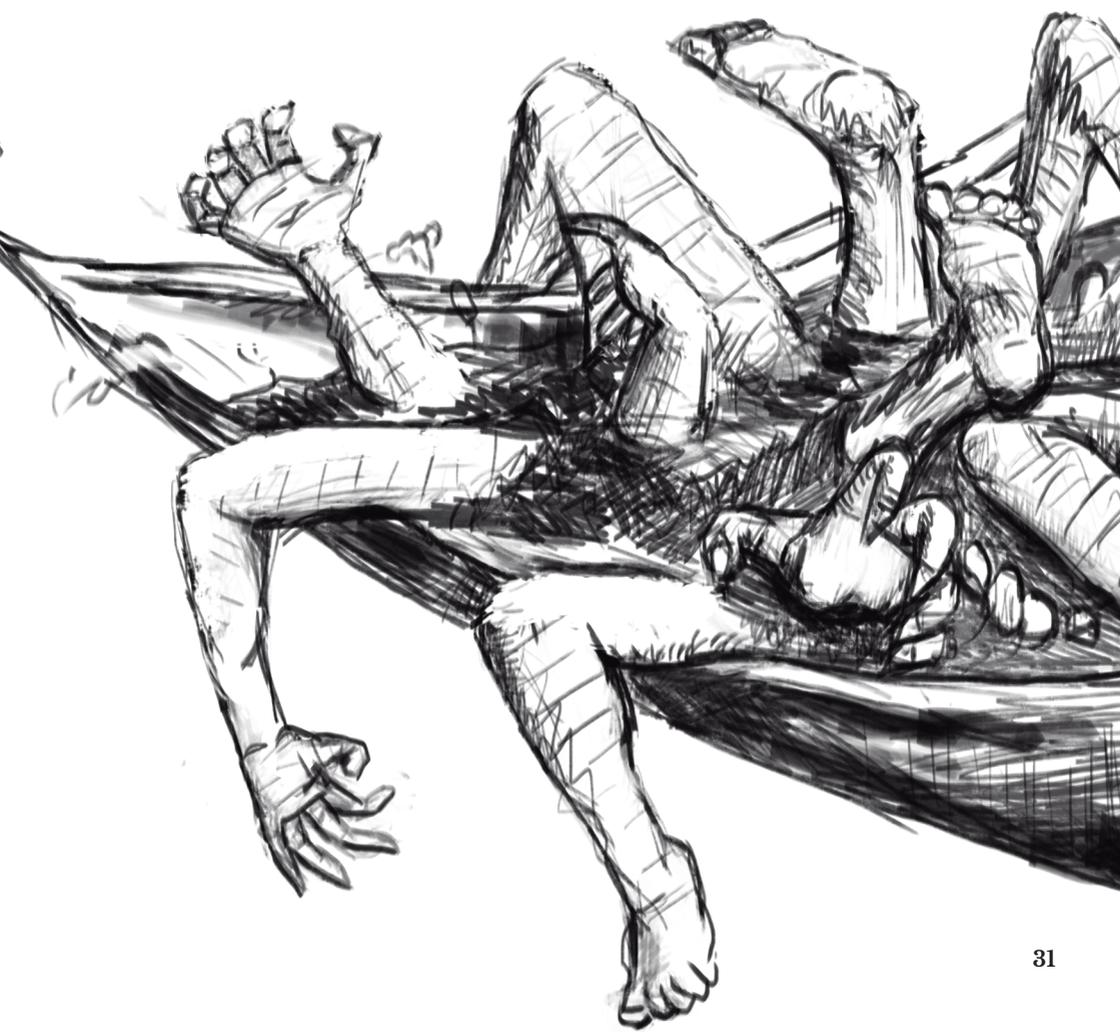


**toda vida é bela  
quando vista  
numa tela**



**no muro, cartazes  
escalam escaras  
rumo à catarse**

**mnega irônico**  
**o mnério orgânico**  
**mnemônico**

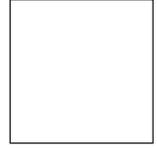




**pensei (alto) na caverna  
ecoou noo oocoo  
a ideia é terna**

toda poesia  
adota, um dia  
ares de aresia  
ou de heresia  
até vir ares  
maresia





P O R O C A S O

P O R A C A S O

P U R O C A O S





por trás da porta  
que segredo comporta?



em que porta  
entrei às pressas  
nessa vida torta?

na caverna bucal  
estalacidente,  
cadente do céu  
estalagmente  
a língua vil



**estrela estatelada  
no tapete negro  
vê-se do vestido a calda**

---

da constelação cadente

# haikai

um poema cadente

---

---

**poema pueril:  
haikai, Balão,  
aqui na minha mão**

---



**quanto mais HAI  
de mais alto se KAI**

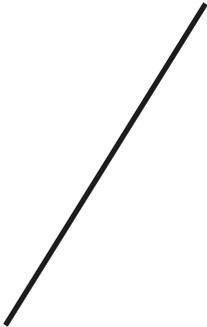
estronda o estômago  
chove o céu da boca  
âmago aziago

sobre a folha  
ao parir do sol  
o orvalho (m)olha

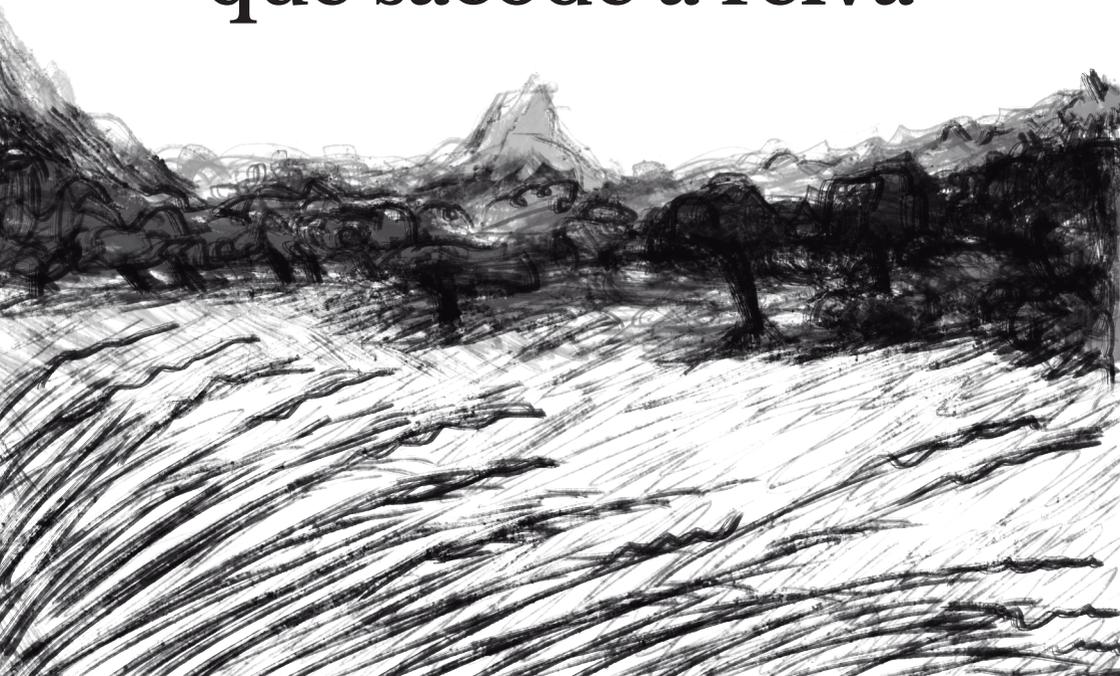


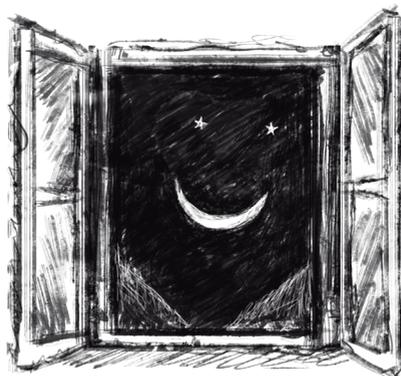
**sinfonia em G  
aquarela do Sol  
expressões de arrebol**

**para a pipa  
para e empina  
seu rabo de tripa**



**corre a selva  
um seco silvo  
que sacode a relva**

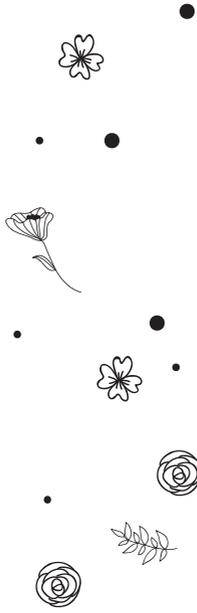




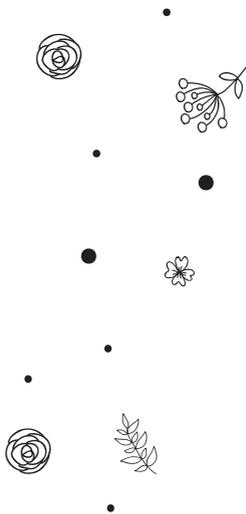
noite de nuvens nua  
na moldura da janela  
só rindo **MonaLua**

**no xap xap  
e no xuí xuí  
o chão encharca**





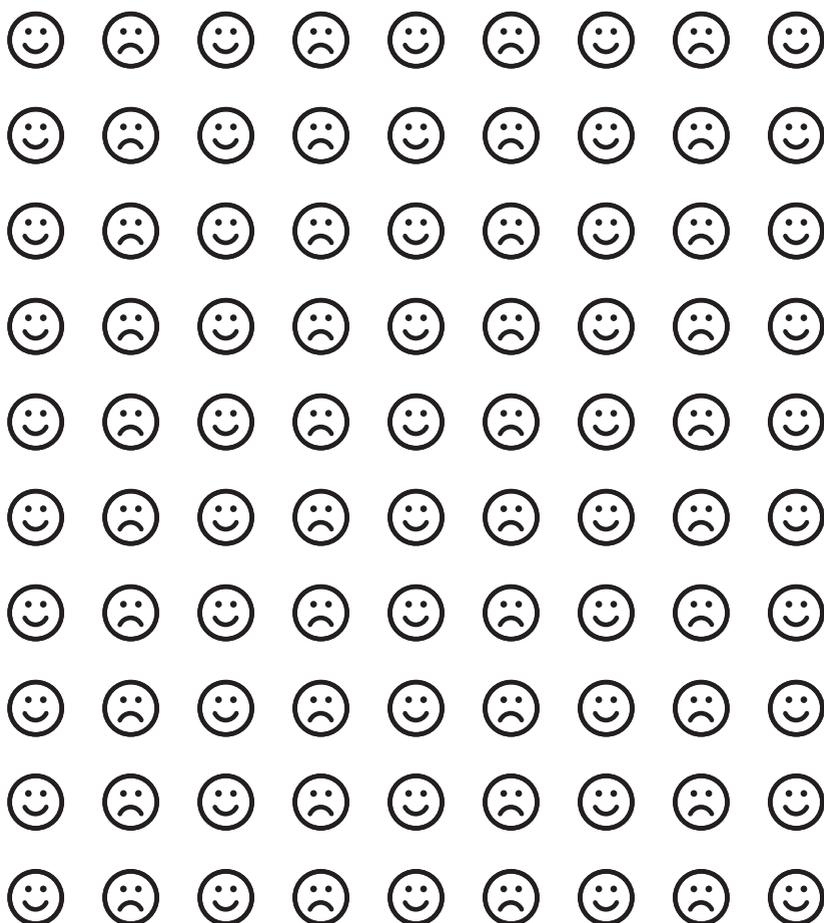
**Caminho caudaloso  
Coroa(do) de flores  
No meio, espinhoso**



**Todo futuro  
É um pulo de gato  
Por trás do muro**



no teatro Nô da vida  
máscaras nu(l)as  
a minha comovida





**quanto mais eu tento  
tudo se vai com(o) vento**



visitei o passado  
e de volta pro futuro  
já cheguei atrasado

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

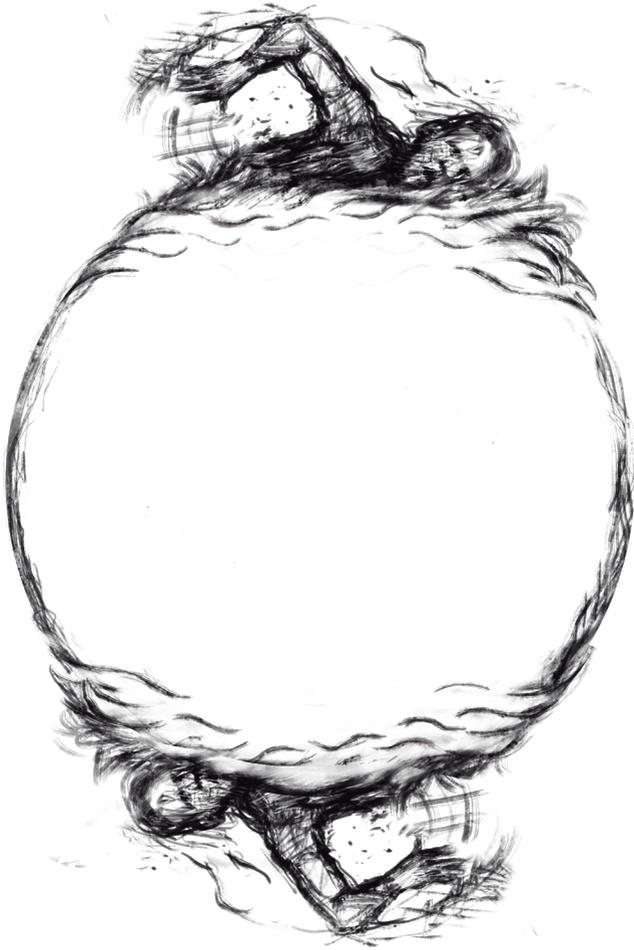
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**vai voando outro mês  
em que a alegria se fez  
vai e volta outra vez**

**to do list**

**tu do all**



**eu fico danado  
quando nado  
nado e nada**

mandou um oi  
e como veio •  
**se foi**

**ide, vai-te...  
no, wait!  
invite me!**





**copo d'água em tornado  
por sobre a boca  
entorna**





abnego o lado  
que obedece à escuridão;  
transparece meu coração  
obnubilado



**quando vi a vida  
já estava de partida**



**ser humano  
será que duras  
mais um ano?**



topada ou trupico  
do chão não passo  
um dia passo e fico



segue o mato

**seco**—————

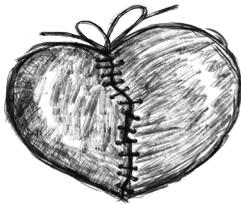
pegue no ato

**soco**—————

negue o fato

**eco**—————

ação de cor:  
peito que ama  
ao dar um nó  
em corpos e almas  
que viram um só  
até virar lama  
**ou pó**————



**amar é linha  
jocosa que cose  
tua vida à minha**

**vi(vi) o paraíso  
no brilho dos teus olhos  
no raiar do teu sorriso**



pleno de gana  
o coração  
se engana

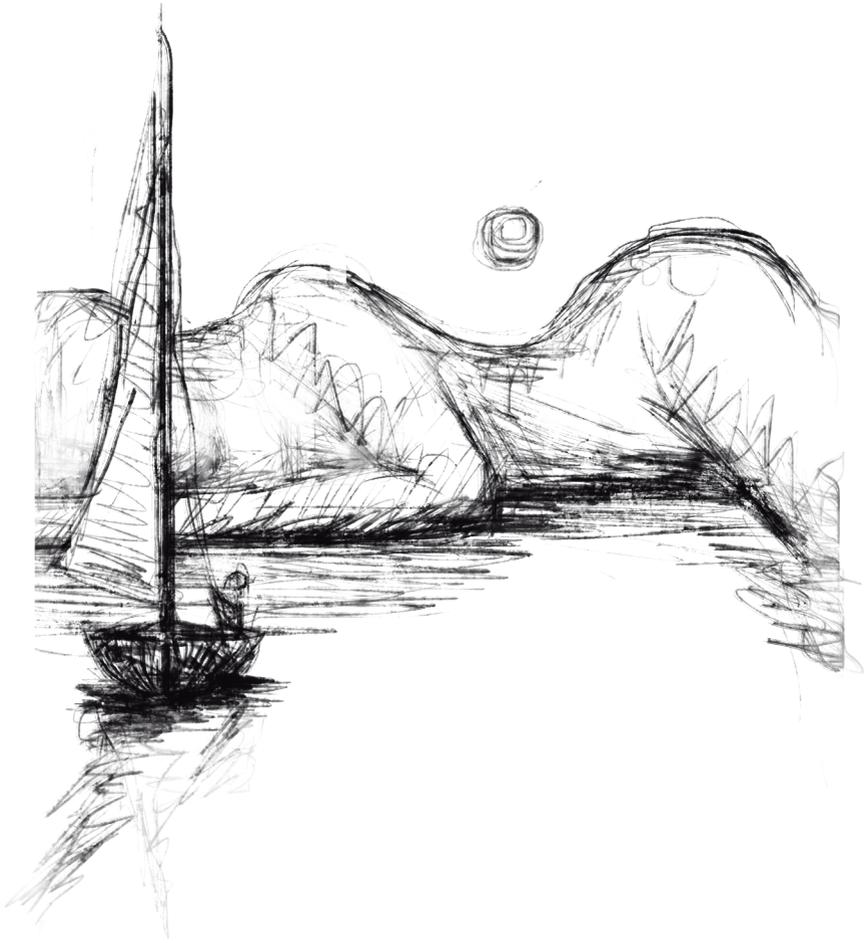




de saco cheio e vazio de tudo  
ser humano é uma coisa engraçada  
não muda nem agradece por nada  
só orbita em seu umbigo um mundo mudo

pira no peito  
desejo puro  
de um sujeito

no(s) braço(s)  
abrasa  
o peito de aço



**navego, à vela,  
às margens da pele,  
um rio d'aquarela**



contar com um amigo  
é a soma constante  
que tende ao infinito



**uma vida é pequena  
para um grande sonho**

**(A Paulo Leminski)**

Na sinfonia do sono  
O som ressona

(( ( do ) ))

(( ( re ) ))

(( ( mi ) ))

(( ( uu ) ))

**é preciso ter na mente  
que o tempo perdura  
eternamente**

a mente mente  
e me engana

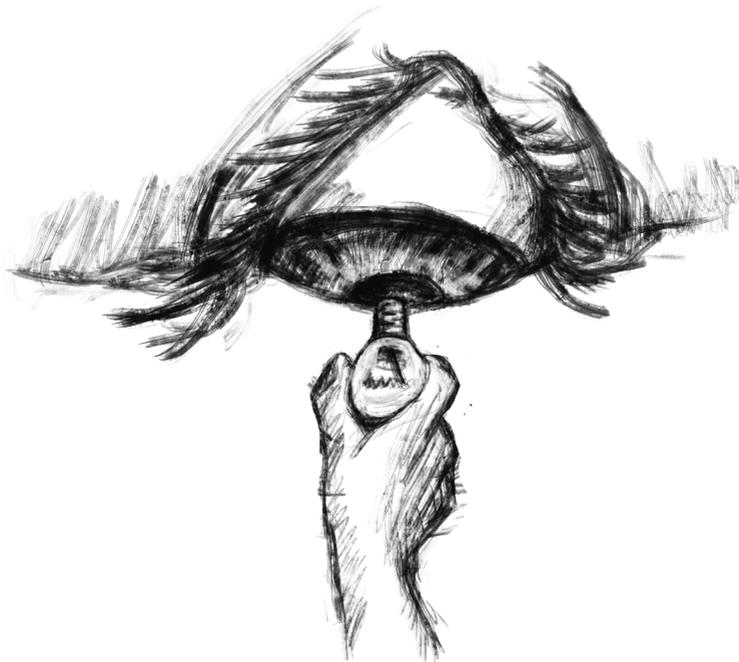
**re-pe-ti-da-mente**

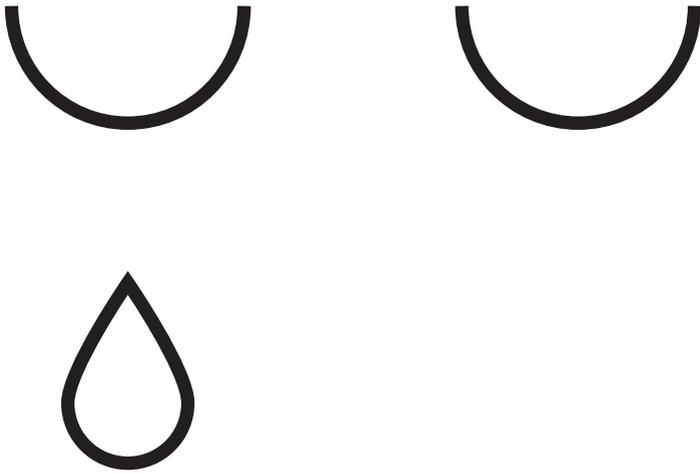
tem gente  
que (se) diz sincera  
**mente**

fitei o espelho  
num infinitésimo  
fiquei velho

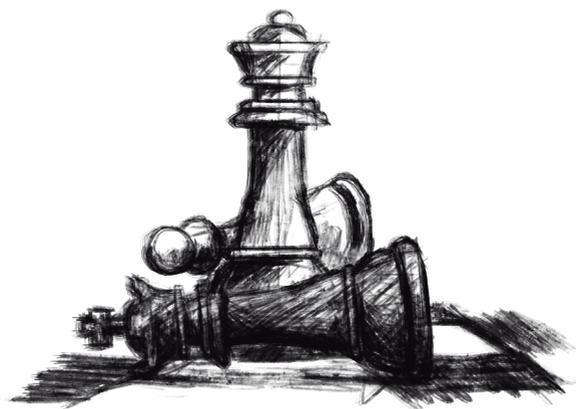
**de fato um ato louco  
tirar do todo um naco  
ficar com nada um pouco**

idade avançada  
a luz que se apaga  
ou a vista cansada?





paupérrima pálpebra  
das plumas, privada  
como sésamo, te abra



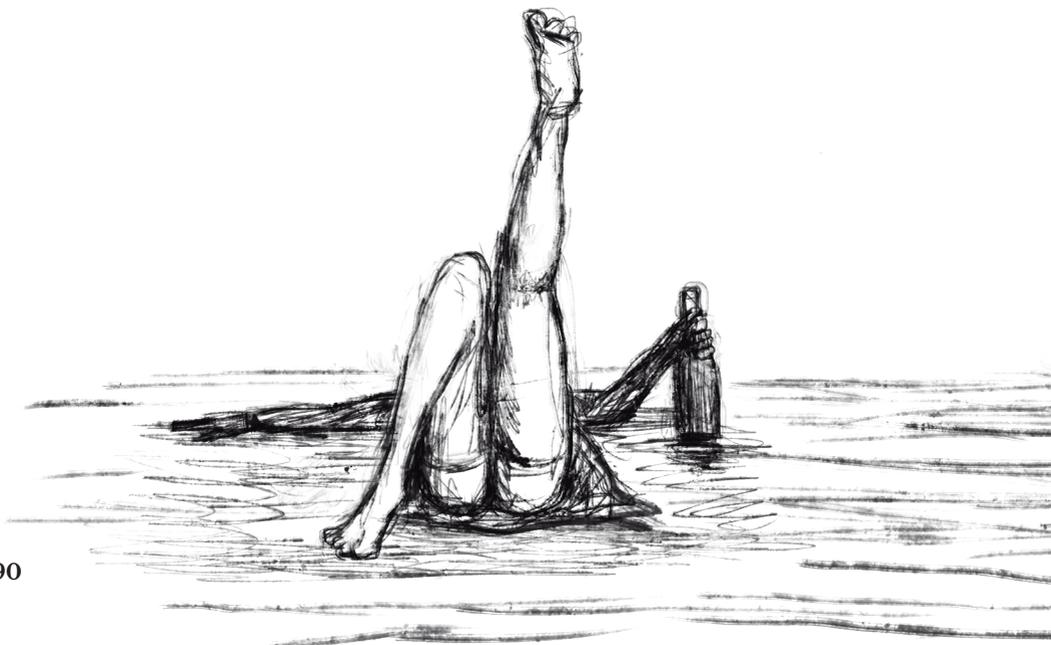
todo grande trunfo  
é comemorado  
depois com(o) triunfo



**agarra e beija  
a boca da garrafa  
que te corteja**

---

de copo oco e boca louca  
dança a rainha de copas  
um pouco coco, outro copo polca





no início, amores  
no meio, doses  
no fim, dores

**nem tudo que se come  
como a vaca come o feno  
enche bucho ou mata fome**

**segue o instinto:  
intestino.  
dá em merda!**

**pouca coisa afeta  
as palavras de um poeta  
como, na boca, uma afta**

**fito tudo  
dito nada  
feito mudo**

**(A Paulo Leminski)**

pena

na superfície

plana

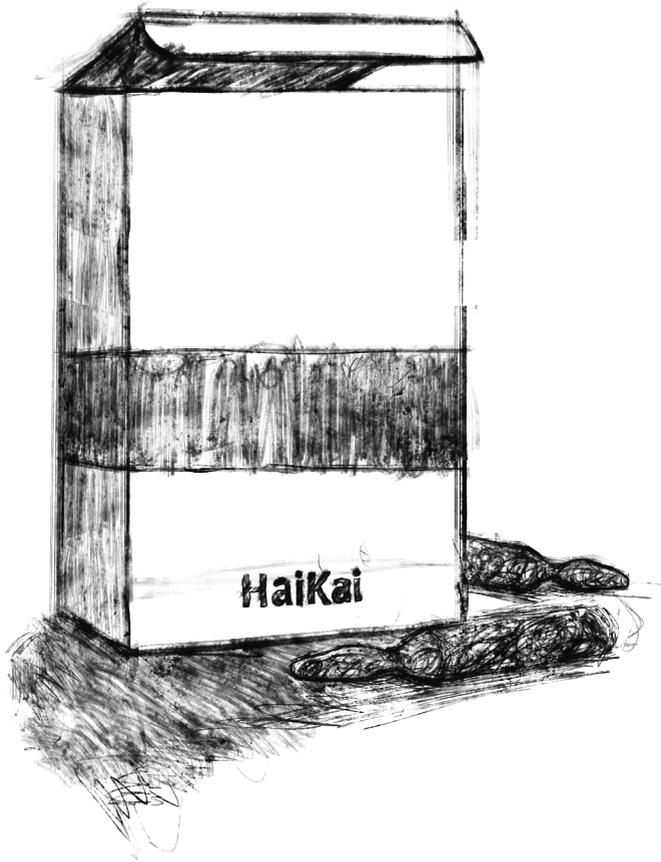
plena

plina

ploma

pluma

todo poeta  
assenta papalvo  
pena que acerta  
o papel alvo  
com palavra seta  
está são e salvo  
o alfa e o beta



**napolinésia**  
**ampolesias**  
**curamnésia**



para o bem ou para o mal  
tudo na vida tem  
seu ponto final



## Posfácio

---

Ampolemas é uma mistura de pontos de vista diversos do autor. Ora irônico, humorístico, filosófico, sério, metalinguístico e crítico, o leitor percebe uma poesia leve, dotada de palavras certas, no momento e na medida exata.

A arte da palavra tem muitos propósitos. Daniel Costa, amigo de algumas datas, propõe trabalhar com os signos buscando a sonoridade muitas vezes. Por isso, a carga musical dos seus “haikais modernos”. A habilidade com que constrói seus poemas-pílula, tão difundidos em nossa fase heroica moderna, o faz um poeta com uma ligação nesse tipo de embrião poético, nascido e difundido por Oswald de Andrade.

Verificamos uma influência muito forte do memorável poeta Paulo Leminsky. De fato, como o “poeta marginal”, nosso Daniel é amante da cultura japonesa. Daí, o gosto pelo haikai.

Apesar de nem todos haikais deste livro seguirem a métrica perfeita dessa arte literária japonesa, o valor semântico das palavras sobressai, fazendo a leitura deleitosa, fácil e reflexiva.

A habilidade literária, o manejo e arranjo das palavras, a pitada de humor, os temas desenvolvidos, as alusões feitas são ingredientes que dão a Ampolemas a dose necessária de um remédio que todos os amantes da poesia precisam: inovação.

Particularmente, me orgulho muito do convite feito para o posfácio, pois Daniel Costa sempre me surpreende em suas ousadias, seja em nossas conversas musicais, educacionais, poéticas, como também aquelas que não servem de nada, mas que sempre saem frases ou pensamentos que são sementes de um novo projeto.

Ao amigo poeta:

**“palavras são pedras  
lavradas e polidas  
a serem engolidas”**

João Pessoa, 11 de janeiro de 2015  
Faryas y Albuquerque







"Daniel Costa nos mostra o mundo que suas lentes o revelam, o mundo e a vida como acontecem diretos aos seus olhos..."

Zé Neto